



Editorial

Um novo canal de comunicação

Desde que criamos o Programa Escrevendo o Futuro nos preocupamos em estabelecer novos canais de comunicação com professoras e professores de todas as regiões do país. **Na Ponta do Lápis** é mais um desses canais: em forma de almanaque, traz informações, relatos de prática, textos de alunos, entrevistas, análises de especialistas, notícias e curiosidades para serem compartilhadas e disponibilizadas aos 25 mil professores inscritos no programa. Queremos propor discussões, apresentar novas referências e também colaborar para a reflexão e o aprimoramento de práticas de ensino de Língua Portuguesa.

Cada edição vai se concentrar num gênero de texto. Nesse primeiro número abordamos o artigo de opinião e nos próximos trataremos de textos de memórias e poesia. Claro que sem a participação do professor o trabalho fica incompleto. Por isso, junto com cada edição do almanaque, seguirá uma carta para que nossos leitores dêem sua opinião sobre a publicação e mandem seus recados, sugestões e experiências. Basta preencher e levar ao Correio: a postagem é por nossa conta.

Conhecemos os (muitos) problemas da educação em nosso país. Somos otimistas e é exatamente por isso que agimos de modo a construir novas qualidades em educação, com base no diálogo com quem, de fato, pode alterar essa situação.

Queremos que apreciem esse nosso almanaque e continuem fazendo parte do Programa Escrevendo o Futuro.

Boa leitura e bom trabalho!

Uma Mensagem da Fundação Itaú Social

“Incentivar o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos da escola pública foi o grande desafio que a Fundação Itaú Social assumiu ao criar, em 2002, o Programa Escrevendo o Futuro.

Hoje, o Escrevendo o Futuro é um estímulo permanente à formação de alunos e professores. Com ações inseridas em um contexto de fortalecimento da cidadania, o Programa busca alcançar nosso principal objetivo: a melhoria do ensino público fundamental no Brasil.”

Roberto Egydio Setubal

Presidente da Fundação Itaú Social

“Durante o processo de formação do Programa Escrevendo o Futuro, seja presencial ou à distância, os professores são preparados para oferecerem a seus alunos situações reais de escrita, estimulando-os a estreitar suas relações com sua realidade numa análise crítica para melhor compreendê-la e transformá-la. E, assim, temos como resultado textos que retratam a diversidade cultural e traços regionais brasileiros, acompanhados de um olhar crítico porém repleto de esperança acerca do lugar onde vivem.”

Antonio J. Matias

Vice-Presidente da Fundação Itaú Social

ESPECIAL

Entrevista
ANA BEATRIZ PATRÍCIO

A Superintendente da Fundação Itaú Social, entidade responsável pelo Programa Escrevendo o Futuro, fala dos desafios, objetivos e conquistas do programa. Deixa conselho de quem entende do mercado:



Diego Cezar Silva, 11 anos, semifinalista de Amparo, SP

2

“Invista em capital humano”

Em quais áreas a Fundação Itaú Social atua e por que realiza o Escrevendo o Futuro?

A Fundação Itaú Social tem um forte compromisso com o desenvolvimento social do país. Temos projetos na área da saúde pública, mas na educação estão concentrados nossos

a esse desafio. Começamos pela idéia de um prêmio. Avançamos: o *Escrevendo o Futuro* é muito mais que isso, é um proposta de formação para alunos e professores.

A Fundação trabalha com outros projetos em educação?

Sim. Acreditamos que não se transforma a realidade apenas com ações pontuais. Por exemplo, o programa *Melhoria da Educação no Município* articula secretários de educação, dirigentes de escola e professores para desenvolver, implementar e avaliar a proposta educacio-

nal do Município. Envolvemos Conselhos Tutelares, Universidades, ONGs. Queremos, com isso, extrapolar os muros da escola. Em outro programa, o *Educação e Participação*, o trabalho é direcionado às ONGs. Hoje em dia, quando se fala em desenvolvimento sustentável de um país, não basta atuar na infra-estrutura, é preciso investir no capital humano. Por isso escolhemos a educação

como principal foco, atuando sempre em aliança com o poder público e a sociedade civil.

O Escrevendo o Futuro é de abrangência nacional. Que estrutura a Fundação mobiliza para fazê-lo acontecer?

As parcerias são fundamentais. Temos a coordenação técnica do projeto com o Cenpec, que produz o material. O que fazemos é discutir conceitos e alinhá-los aos valores da Fundação Itaú Social. Além do Cenpec temos a Undime e o Canal Futura. Contamos com o apoio do Consed (Conselho Nacional de Secretarias de Educação) e do Ministério da Educação. A Fundação em si tem uma equipe pequena. Nós operamos com a estrutura do Banco Itaú, com sua área jurídica, de informática, de marketing, de comunicação interna e as agências que divulgam o programa pelo Brasil realizam eventos com os secretários de educação, visitam as escolas e homenageiam os alunos e escolas vencedoras.

Uma outra forma de os funcionários participarem é através do *Programa Itaú Voluntário*.

O Programa Escrevendo o Futuro é muito mais que um prêmio, é uma proposta de formação para alunos e professores.

maiores esforços. O *Escrevendo o Futuro* nasceu de um desafio lançado pelo Dr. Roberto Setúbal [Presidente da Fundação Itaú Social e Diretor Presidente do Banco Itaú]. Informado sobre a realidade da educação pública brasileira, mobilizou a Fundação a planejar ações para a melhoria do ensino da leitura e escrita. Em parceria com o Cenpec fizemos frente

Em 2004, no *Escrevendo o Futuro*, 90 voluntários se corresponderam com as crianças e 10 avaliadores participaram das comissões julgadoras. Não sabíamos como um gerente de agência agiria trabalhando em conjunto com professores e outras pessoas ligadas à educação. Eles deixaram as agências por quatro dias e participaram de um processo de formação e das reuniões de avaliação. A experiência foi interessante e enriquecedora para todos os envolvidos.

Como a Fundação avalia o programa e que perspectivas vê para ele?

O programa está crescendo. Depois da primeira edição, em 2002, tivemos 77% das escolas se reinscrevendo para a segunda edição. Em depoimentos, professores relatam que esse material não foi utilizado apenas para participar de um prêmio, fortaleceu o trabalho de leitura e escrita inclusive no ensino médio. O material chegou até as mãos de educadores que não haviam se inscrito. Nosso principal objetivo é a formação do docente. Mas, ao longo do programa constatamos que os alunos também são beneficiados. Durante as oficinas eles descobrem a função social da leitura e escrita, ferramenta importante para inserção na comunidade.

Neste ano, queremos prosseguir com a formação dos 25 mil professores que se inscreveram no ano passado, o que não é fácil. Junto com o Cenpec buscamos alternativas: criação de um espaço virtual de aprendizagem, vídeos e publicações. Fizemos parcerias com duas universidades para analisar mais profundamente os textos dos alunos e, assim, subsidiar a formação dos professores. Em 2006, nossa meta

é ampliar ainda mais o número de escolas envolvidas.

Em 2006, nossa meta é ampliar ainda mais o número de escolas envolvidas.


Como a Fundação garante a transparência e a confiabilidade do projeto? Que tipo de controle tem para garantir seus resultados?

É sempre um grande desafio. Se estamos levando para a causa social, a ética e a transparência, valores do Itaú, estes valores têm que estar presentes em nossas ações. Nas oficinas, procuramos nos certificar da autoria, de que os textos selecionados foram efetivamente produzidos pelos alunos. E temos a certeza de que nossos parceiros comungam as mesmas crenças e valores. Todos os passos previstos no programa acontecem de acordo com o

regulamento, que é claro e está amplamente divulgado, tanto no site do Cenpec, quanto no da Fundação.

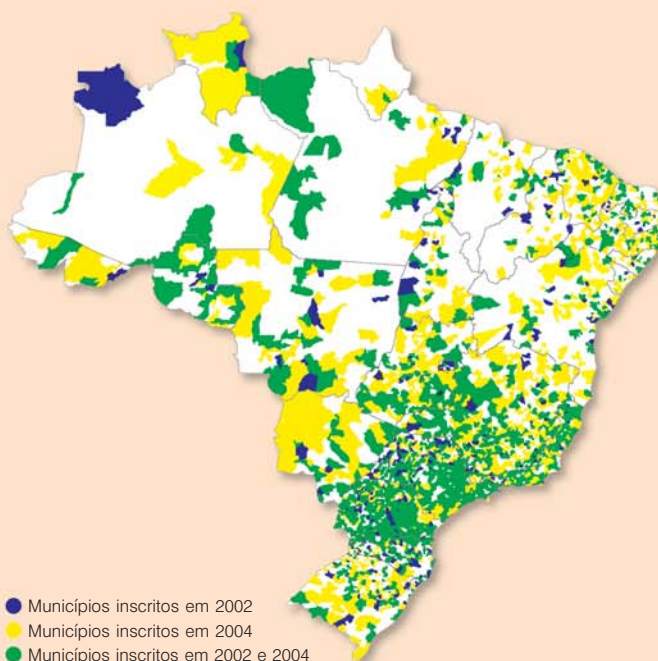
Para finalizar, dê um depoimento pessoal sobre o projeto.

Considero um privilégio vivenciar toda a trajetória do prêmio. A interação com professores e alunos das mais diversas realidades brasileiras provoca sentimentos intensos e, às vezes, contraditórios: a inquietação pela grandeza dos desafios da educação no Brasil, o encantamento com a tenacidade dos professores na busca de soluções viáveis para cada realidade, a visão crítica e ao mesmo tempo “amorosa” com que os alunos retratam o lugar em que vivem, o desenvolvimento de novos universos culturais para professores e alunos.

De tudo isto uma grande certeza: a responsabilidade de todos nós pela transformação social de nosso país. 

3

Abrangência do Prêmio Escrevendo o Futuro



REPORTAGEM

O caminho percorrido

Dois anos de trabalho e muitas etapas. Alunos, professores e organizadores contam como foi participar do Programa Escrevendo o Futuro.

4

Depois de muito trabalho em uma longa jornada, era natural a ansiedade dos pequenos e de seus professores no anfiteatro do Memorial da América Latina, em São Paulo, naquela noite de 6 de dezembro de 2004. O vencedor da segunda edição do prêmio *Escrevendo o Futuro* ia ser anunciado. O júri era formado por representantes dos parceiros do projeto. Giselle Santos de Paula, 11 anos, autora de *No morro não tem só bandido*, levou um pequeno susto quando anunciaram seu nome. Era ela a vencedora. Mas ainda havia outra surpresa para a menina. Num grande telão, aparecia a imagem da escritora Zélia Gattai, emocionada, lendo e comentando o texto de Giselle.

Desde que surgiu em 2002, o Programa *Escrevendo o Futuro* tem como objetivo aprimorar as práticas de produção de texto nas escolas públicas brasileiras. Em 2004 foram 10 mil escolas inscritas, em todos os Estados, com 25 mil professores preparando oficinas para um milhão de alunos. Realizado pela Fundação Itaú Social e coordena-



Giselle Santos de Paula, vencedora do prêmio em 2004

do pelo Cenpec, em parceria com Undime e Canal Futura e apoio do MEC (Ministério da Educação) e Consed (Conselho Nacional de Secretarias de Educação), o programa propõe mudanças em conceitos e práticas de ensino da língua escrita.

Tudo começa na escola, onde professores que se inscrevem no programa recebem o *Kit Itaú de Criação de Textos* com orientações de como trabalhar com seus alunos. Nesta edição, depois da triagem nas próprias escolas, o projeto recebeu 5974 textos, que depois de selecionados em seus Estados e regiões foram reduzidos a 183 semifinalistas. Os selecionados puderam participar, com seus professores, de oficinas regionais de três dias sobre a prática e o ensino da escrita realizadas nos pólos regionais de Curitiba, Manaus, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Recife e Goiânia. Em cada pólo, estudantes e professores visitaram museus, teatros, livrarias e pontos turísticos. No último dia de atividades os alunos reescreveram seus textos, incorporando as noções adquiridas nas oficinas. “O projeto, além de ser um concurso, traz a idéia de como produzir e aperfeiçoar um texto. Nossa preocupação principal são as práticas na produção de texto. Por isso o cuidado constante com o aprimoramento, com o texto sendo revisto e reescrito muitas vezes”, explica a coordenadora de gestão do Cenpec, Maria Estela Bergamin.

Os finalistas

Em cada pólo regional foram selecionados três textos, totalizando 21 finalistas. Por chegar a essa etapa, cada finalista e a respectiva escola ganharam um microcomputador com impressora. Na premiação, o grupo *Meninas do Conto* contou histórias e musicou alguns textos semifinalistas.



Em Goiânia, alunos visitam o Museu do Cerrado

Para muitos alunos e professores, participar do programa já foi uma vitória. Para Mary Sílvia Oliveira, que percorre oitenta quilômetros por dia para chegar a sua escola na zona rural de São João de Iracema (SP), a experiência foi inédita: “É a primeira vez que participo de um prêmio que valoriza o trabalho do professor e a escola pública.”



No Pólo do Rio de Janeiro, professoras orientam seus alunos na reescrita dos textos



Grupo de Teatro ‘Meninas do Conto’ recita os poemas e dramatiza textos de alunos do Pólo Recife

O programa ainda incentivou outras ações. Em Igarapé da Fortaleza, município de Santana (AP), alunos de Iraneide Costa entrevistaram moradores da região e descobriram novas informações sobre a bacia hidrográfica local. O resultado da pesquisa se transformou num convite da prefeitura aos pequenos escritores para a produção de um livro.

5


Multiplicação do kit e dos resultados

O kit fornecido pelo programa para a produção das oficinas em sala de aula acaba percorrendo toda a escola. Os materiais são fotocopiados e as propostas das oficinas divulgadas até a alunos do ensino médio. “Ele foi muito usado porque tem muitas orientações pedagógicas para trabalhar a leitura e a escrita”, conta Elis Regina Queiroz, professora em Boa Vista (RR).

Não deixou de ser uma agradável surpresa para os organizadores do projeto. “Estamos contentes com tudo isso. Os textos melhoraram muito de 2002 para cá. Hoje, as crianças argumentam, contra-argumentam, identificam problemas do lugar onde vivem. Quando uma criança se torna ‘estrangeira’ no lugar onde vive, passando a identificar problemas e belezas que antes não eram percebidos, ela não está apenas se preparando para ser cidadã, já está exercendo a cidadania”, afirma Sonia Madi, coordenadora pedagógica do *Escrevendo o Futuro*.



Semifinalistas do Pólo Belo Horizonte em oficina de escrita

O programa não pára. Nos anos pares promove o prêmio. Nos ímpares produz atividades de formação de professores e educadores, além de publicar, com análise, os textos dos alunos premiados e os relatos de prática de professores. Uma iniciativa modelo para aqueles que acreditam na educação pública do país e lutam por seu aprimoramento. 

Daniele Moura de Moraes, jornalista enviada pelo canal Futura para acompanhar as oficinas do Prêmio Escrevendo o Futuro.



Alunos do Pólo Curitiba ganham mais um prêmio: podem escolher livros de literatura infantil

*"Vou correndo
pegar meu lugar
no futuro, e você?"*
Paulinho da Viola

RECADO DO LEITOR



Que aconteça de novo!

“Fiquei encantada com o livro que montamos, com as entrevistas que eu dei, com o momento da escolha dos livros (muito interessante e gratificante). Fiquei emocionada quando o grupo de teatro de São Paulo dramatizou minha história e a de outros colegas. A ansiedade tomava conta de todos nós e de repente ouço meu nome no 2º lugar na categoria Memórias. Foi lindo! Sei que é difícil acontecer de novo momentos como esse, mas vou lutar para que isso aconteça outras vezes em minha vida.”

Aluna semifinalista:
Maria Eduarda Fermino
Londrina – PR

Descobertas

“A realização de todas as oficinas foi muito interessante; pude descobrir questões polêmicas que incomodavam as crianças. O melhor nesse trabalho foi levar os alunos a pensarem sobre seu ponto de vista pois, apesar de sua pouca idade e experiência, no convívio social são expostas a idéias que compartilham e das quais por vezes até discordam, mas têm receio de apresentá-las.”

Profª Conceição Aparecida A.
Ornelas Micheloto
São Jorge do Patrocínio – PR

Prazer de escrever

“Participar do *Programa Escrevendo o Futuro* me fez repensar a maneira como vinha ministrando as aulas de Língua Portuguesa, de modo arcaico, tendo um livro básico que não tem a ver com a realidade de meus alunos. Com o programa saímos da sala de aula e fomos buscar inspiração na natureza, na música e poemas. Os alunos descobriram o prazer de escrever.”

Profª Divina Aparecida da Silva
Piracanjuba – GO

CARTA ENIGMÁTICA



- pn



- dia do



- ne
+ m

a

- d
+ p



- x
+ za



- do

vermelho
em inglês

- d
+ s



- r
+ s

d +



- sta



- o
+ a



RESPOSTA NA PÁGINA 21

VOCÊ SABIA?



O selo de carta

A Inglaterra, em 1840, foi o primeiro país a lançar o selo postal, um comprovante de pagamento de tarifa de correio, com a figura da rainha Vitória. O Brasil veio a seguir: em 1842 lançou o *Olho de Boi* (tinha esse nome pelo formato do desenho). Não trazia a efígie de Pedro II para que ninguém “ousasse” carimbar a face imperial.

A carta mais barata

Instituída em 1995, a carta social pode ser enviada pagando-se apenas R\$ 0,01, em qualquer agência dos Correios. Pode ser enviada para todo o Brasil, sempre de pessoa física para pessoa física. O envelope tem que ser comum e ter no máximo 10g; o endereço deve ser manuscrito, contendo a inscrição “Carta Social” acima do CEP. Leva o mesmo tempo da carta comum. Mas não abuse, cada pessoa pode postar até 5 cartas por dia.



ESCREVA PARA NÓS:
RUA DANTE CARRARO, 68
CEP 05422-060
SÃO PAULO-SP

QUESTÃO DE GÊNERO

O artigo de opinião

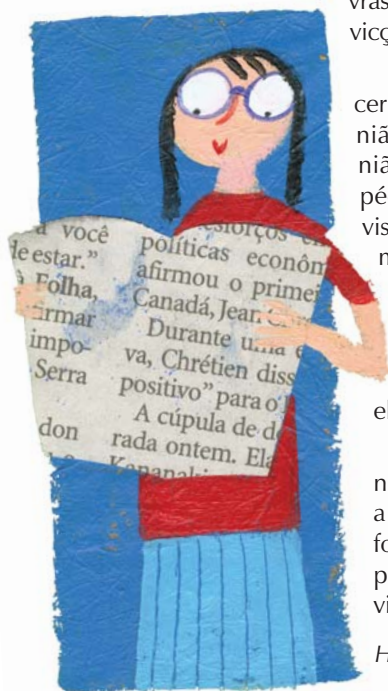
Escrever e convencer para mudar

Escrever o que se pensa sobre algo, querendo convencer o leitor, exige argumentos. É preciso defender, exemplificar, justificar ou desqualificar posições. Essa é a regra geral para um bom artigo de opinião, gênero que não existiria se não fosse o jornal.

Nenhum gênero de texto nasce, como se diz, “sem pai nem mãe”. Todos têm suas origens marcadas por alguma área de atividade humana. No caso dos artigos de opinião, essa origem está nos jornais. O Manual de Redação da Folha de S. Paulo, um dos principais jornais do país, afirma que “o jornal (...) é um órgão formador de opinião. Sua força se mede pela capacidade de intervir no debate público e, apoiado em fatos e informações exatas e comprovadas, mudar convicções e hábitos.”

Para entender o funcionamento do artigo de opinião, é preciso entender o funcionamento do jornal, que vive de noticiar fatos novos e importantes. As notícias, que são a razão de ser do jornal, ocupam grande parte dele e devem ser “verdadeiras”, isto é, apoiadas em informações e fatos precisos, isentos de opinião. É claro que isso é muito relativo, porque ninguém consegue dizer alguma coisa sem denunciar, de alguma forma, o que pensa sobre o que diz...

Como as notícias publicadas devem ser isentas de opinião sobre os fatos noticiados ela vai aparecer nos artigos. Eles são escritos por pessoas influentes na sociedade, a respeito dos debates criados pela leitura das notícias que circularam no jornal em dias anteriores. Os articulistas, por serem pessoas respeitadas, podem, com suas palavras, influenciar ou mesmo mudar convicções e hábitos dos leitores.



Para atingir sua finalidade, convencer os leitores da importância da opinião do articulista, os artigos de opinião são organizados como uma espécie de discussão entre pontos de vista diferentes sobre os fatos polêmicos que as notícias abordaram. Eles são planejados para que a opinião do autor pareça ser a mais correta, a mais importante, enquanto as opiniões contrárias a ela são desvalorizadas.

Separando as notícias das opiniões, o jornal atinge duas finalidades: a notícia traz fatos apoiados em informações comprovadas e os artigos procuram mudar a opinião, as convicções e os hábitos dos leitores. 🖋️

Heloisa Amaral, mestre em educação, pesquisadora do Cenpec



O poder da argumentação

Em 13 de janeiro de 1898, o escritor francês Émile Zola escreve artigo para o jornal *L'Aurore*, intitulado “Eu acuso!”, responsabilizando políticos e militares pela condenação injusta à prisão de um militar chamado Dreyfuss. Zola era o escritor mais famoso da França naquele período. Seu artigo, em formato de carta aberta, mobiliza o país para a revisão do julgamento. Tempos depois, Dreyfuss é inocentado e libertado.

Cada uma para o seu lado!

O primeiro jornal a separar notícias e opiniões foi o diário inglês *Daily Courant*. Samuel Buckley, que o dirigiu entre 1702 e 1735, fez a mudança pois acreditava que o leitor devia ser livre para formar suas opiniões. Foi nessa época que os jornais passaram a defender a neutralidade da notícia para a divulgação da verdade.



Podem não gostar da opinião...

O jornalista Aparício Torelly, o Barão de Itararé, abre no Rio de Janeiro, em 1934, o *Jornal do Povo*. Publica artigos com a história do marinheiro João Cândido, líder da Revolta da Chibata de 1910 (que defendia o fim dos castigos corporais). Militares contrários aos artigos seqüestram e agridem o Barão. De volta à redação do jornal, afixa tabuleta na porta: “Entre sem bater”.

Dentro de mim mora uma casa

O escritor e professor de literatura Jorge Miguel Marinho fala da esperança encontrada nos textos dos estudantes que participaram do Programa Escrevendo o Futuro.

João escreveu três palavras, colocou as três numa garrafa e jogou tudo no mar. Não se sentiu mais conhecido nem sentiu a vida melhor. Mas o sentimento de diminuir as distâncias ou aproximar as pessoas foi lá no fundo do seu coração. Acontece o seguinte: quando João escreveu as três palavras que um dia alguém achou na garrafa e não entendeu muito bem porque elas apenas diziam “Eu estou aqui”, ele procurou com todas as mãos e todas as letras de todos os tempos o primeiro “sentido de escrever” que é partilhar com o mundo o que existe dentro de cada um.

Jorge Miguel Marinho

Escriver não nasce só da vontade de esmiuçar e conquistar as palavras e dizer do jeito que a gente é, que já é um caminho e tanto. Escrever nasce também daquele desejo mais fundo e profundo de “ser alguém nesse mundo”, mostrando o que mora dentro de cada um. E vai daí que, como palavra puxa palavra, os escritores grandes e também os “escritores pequenos” vão criando um mundo onde todo mundo possa morar e viver.

Foi isso o que aconteceu e mais um montão de coisas que só os “escrevinhadores” sensíveis sabem fazer com as palavras que ficam bem espertas para descobrir o que é real. É, é isso mesmo! Pois fique sabendo você, leitor que gosta de ver a vida abrindo as suas portas com mãos de criança para um futuro melhor, que existe uma moçada, espalhada por esses quatro cantos do Brasil, que pega firme no papel e de preferência no lápis – que é bom de apagar – para rabiscar, escrever e inventar um novo país. Só para dar uma olhada nessas crianças bem de perto, basta ler os textos que foram selecionados no *Programa Escrevendo o Futuro*, que teve como tema dessa vez “O lugar onde vivo”, e você vai ver como o resultado foi surpreendente.



Na maioria dos textos que são poemas, opiniões, lembranças e simples confissões, o lugar desejado para se viver não existe ainda na “terra onde se pisa”, a terra de verdade, mas é uma cidade sonhada que já fincou estacas no coração dessa galeria de 4ª e 5ª séries das escolas públicas e também já mora dentro de cada um. Não dá para deixar de registrar aqui o “futuro” de algumas imagens

colhidas assim ao acaso, porque elas estão presentes na voz de todas essas crianças maravilhosas e suas palavras voadoras. Olha só essas: “Eu me mudo como o vento que sopra pra lá e pra cá”, “Minha cidade vai ficar/ melhor do que se imagina/ feliz voltarei a brincar/ na esquina da rua Bonina”, “Conheço muitos lugares e sei que outros estão a me esperar”.

Não é bom demais esse tom de alegria, melancolia e esperança voltado para “um horizonte” que já deve estar “esperando” por essa trupe entusiasmada e, é claro, também por nós? Pois é nessa trilha que aparecem os textos de opinião que criticam e condenam as queimadas dos canaviais, a bandidagem, o tráfico de drogas, a falta de postos de saúde, de água, de asfalto, de saneamento, o desemprego, a demora do ônibus, os animais



em extinção, a preservação dos rios, a poluição da natureza e das emoções, a corrupção, a violência atroz com mortes misteriosas e muita saudade de um mundo que ainda ninguém viveu...

Mas de tudo isso, o que é mais significativo são as palavras de tristeza que parecem doer na mão de quem escreve e nos olhos de quem lê. Veja só a sensibilidade dessas passagens que revelam mais uma vez “a falta, a carência e a penúria” de um lugar que as crianças projetam e ainda não tem chão para acontecer: “Quero deixar para trás a tristeza de mudar”, “Não preciso ter lembranças, pois vivo a esperar”, “Ontem alegria, hoje só solidão”, “O nosso mundo está muito doente”, “Seria aqui o meu lugar? Dá vontade de chorar.”.


Note e anote que são palavras tristes mas escritas com uma “caligrafia feliz”. Isto acontece porque, com a mesma força que as crianças denunciam os males da vida, estão também escrevendo e anunciando um dia esperançoso que está quase por se fazer.

Nesse trabalho, é sensível e comovente a participação dos professores nas oficinas e, como mestres na arte de acolher o imaginário das crianças e apontar com o “cajado” do conhecimento o norte dessas e tantas outras trilhas do exercício de escrever, são os primeiros leitores desses textos reveladores que nos fazem tão bem.

“Eu me mudo como o vento
que sopra pra lá e pra cá”

E não é demais lembrar que nesse jeito tão sensivelmente bonito de buscar, invadir e morar na casa que existe dentro de cada um, todos estão certamente “escrevendo” o futuro com uma moradia feita de cimento, madeira ou taipa que será a habitação coletiva de um imenso país. De verdade mesmo, “a casa” de verdade parece já estar assentando tijolo por tijolo e sendo erguida com mais força, aventura, luta e imaginação. Ela vem do desejo de criar um lugar onde se viva com mãos de crianças que, apesar de serem sofridas devido às injustiças da vida, nunca dei-

xaram escapar o sonho de fazer amorosamente uma cidade mais acolhedora, uma pátria mais que amada, enfim um país mais humano e humanamente mais feliz.

Mãos à obra então, crianças e professores que, no seu pedacinho de terra fértil de imaginação, sonham todos os dias o sonho de todos nós. E não se esqueçam nunca que NÓS ACREDITAMOS EM VOCÊS. 



Jorge Miguel Marinho é professor de literatura, ator, roteirista, escritor. Entre as obras publicadas, estão *Te dou a lua amanhã*, prêmio Jabuti, *Na curva das emoções*, prêmio APCA e *O cavaleiro da tristíssima figura*, prêmio HQMIX.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas,
antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros.
Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e
consume com seu poder de palavra e
seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema.
Aceita-o como ele aceitará sua
forma definitiva e concentrada no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas
sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(*Procura da poesia* – Carlos Drummond de Andrade)




ONDE ESTÁ O FUTURO

Do que falam

Parece conversa de adulto, mas os artigos de opinião trabalhados no Programa Escrevendo o Futuro foram feitos por mais de mil crianças de 4ª e 5ª séries, de todo o Brasil.

São mais de 170 milhões de brasileiros vivendo em regiões com características próprias de clima, costumes e atividades socioeconômicas. Essa diversidade aparece nos problemas que afligem a população. E as crianças, não menos preocupadas que os adultos, também avaliam o dia-a-dia do local onde vivem.

Nas oficinas, as crianças aprenderam a olhar criticamente, tecer argumentos, sustentar pontos de vista, dialogar com diferentes idéias, incorporar a seu discurso a fala de pessoas da comunidade. Um verdadeiro exercício de cidadania. 

10



Terra para todos

“Hoje nosso Estado passa por muitos problemas, um dos mais recentes é o da demarcação das terras indígenas, que ainda não foi resolvido.”

Juliana Maria da Silva Ramos, 11 anos
Boa Vista – RR



Poluído e seco

“Na cidade de Brasília existe um rio chamado Rio Acre. Estou preocupada porque as águas deste rio estão poluídas e, cada dia que passa, ele seca mais.”

Adzinara Sousa do Nascimento, 10 anos
Brasília – AC



Transporte para o além...

“A situação de transporte alternativo ficou bastante complicada, envolvendo polêmicas, indecisões, brigas e mortes. Sou contra o seu retorno, pois além de tumultuar o trânsito, apresentou falta de segurança para passageiros e pedestres.”

Jenyffer Soares Estival Murça, 10 anos
Goiânia – GO



Pela salvação do Diamantino

“O rio Diamantino foi ao longo do tempo devastado pela mineração. Depois a mineração foi substituída pela agricultura, mesmo assim o rio continua sofrendo, pois as pessoas jogam lixo no rio, além disso o esgoto vai para suas águas sem nenhum tratamento.”

Fernando Muniz da Cruz, 10 anos
Diamantino – MT



Emprego ou saúde?

“Uma destilaria de álcool é a responsável por centenas de empregos para a população e, também, por danos ambientais. É triste saber que a maioria da população defende a continuidade das queimadas em virtude de que a mecanização do corte causará o desemprego. Sou contra as queimadas porque o município tem condições de criar novas fontes de trabalho, aproveitando essa mão-de-obra. De que vale ter emprego se não se tem saúde?”

Jaciara Jannyne Silva Santos, 10 anos
Nova Londrina – PR



Mãos à obra!

E na sua cidade, quais as questões polêmicas que incomodam a comunidade? Esses fatos são discutidos em sala de aula? Sua turma tem uma opinião formada sobre essas situações? Vamos descobrir o que suas crianças têm a dizer, quais são seus pontos de vista? Caso tenha dúvidas de como propor essa discussão, planejar o debate, recorra às orientações do fascículo Pontos de Vista do kit de Criação de Texto-2004. Escreva-nos contando como foi sua experiência.

as crianças do Brasil?



Os batatas de Paraupebas

“Muitos problemas estão sendo causados por eles, inclusive mortes misteriosas. Estou falando dos ‘batatas’, pessoas que compram cartões de bancos para roubar dinheiro de pessoas inocentes.”

Francisco Alex Santos de Andrade, 13 anos
Paraupebas – PA



De que água beber?

“Aqui está ocorrendo uma discussão muito importante: se usamos a água do Itans ou da adutora. Sou a favor da água do Itans e as pessoas que são contra não pensam que, com um certo tempo, a água do Itans ficará tão limpa como a da adutora e quando chover, ficará mais pura que atualmente.”

Indiara Alves Fernandes, 10 anos
Caicó – RN



Canalizar para ninguém entrar pelo cano

“A população do povoado Volta do Rio enfrenta um problema seriíssimo, que é a falta de água. Precisam de uma nova rede de abastecimento com uma canalização adequada, pois a que temos é de péssima qualidade.”

Josiane de Almeida Silva, 11 anos
São João – PE



Uma rodovia pede socorro

“A nossa Campos é cortada pela rodovia conhecida como BR 101. Sabemos que ela está em situação muito grave, pois está cheia de buracos, sem calçamentos e já morreram muitas pessoas por causa dos acidentes.”

Izabela de Souza Alves, 14 anos
Campos de Goytacazes – RJ



Desperdício de dinheiro?

“No ano passado teve uma reforma que melhorou, mas não resolveu todos os problemas da escola. Algumas pessoas não concordam com a construção de uma nova escola, pois acham que seria desperdício de dinheiro.”

Gabriela Aparecida Mendes, 10 anos
Campo Belo – MG



Experiência: posto de saúde no laboratório da escola

“A grande polêmica é o posto de saúde. É essencial termos um posto em nossa comunidade para atender a grande população. Mas, o caso é que querem abrir o posto de saúde no laboratório de Ciências, na escola onde eu estudo. Como nós alunos ficaríamos?”

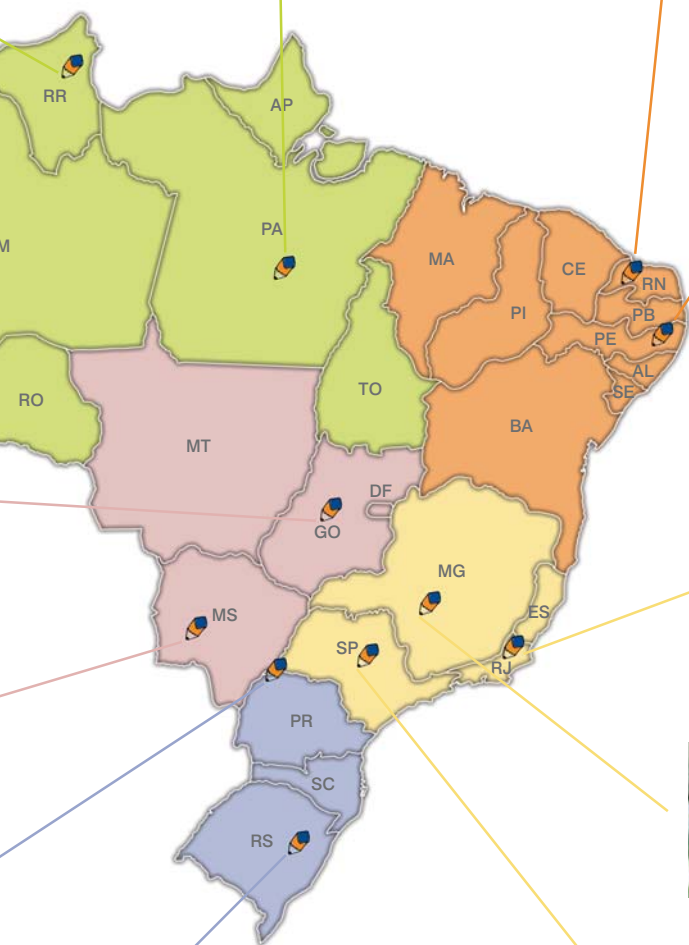
Lília Rodrigues da Silva, 11 anos
Sapuçaia – RS



Avenida para secar café

“Um cafeicultor pediu espaço ao prefeito [para secar café na avenida]. Dizem que a medida atrapalhou o trânsito; que a população não foi avisada com antecedência e que essa atitude abre precedentes para outros produtores solicitarem o mesmo benefício.”

Angélica Larissa Ferreira, 10 anos
Dois Córregos – SP





DE OLHO NA PRÁTICA

OS TEXTOS DOS ALUNOS ESTÃO CHEIOS DE ERROS DE ORTOGRAFIA E CONCORDÂNCIA. AS IDÉIAS SÃO CONFUSAS E A PONTUAÇÃO, NEM SE FALE! CORRIJO TUDO. E MESMO COM TODO ESSE TRABALHO A PRODUÇÃO FINAL AINDA ESTÁ LONGE DO ESPERADO...

LEIO BEM TODOS OS TEXTOS E ESCOLHO UM DELES - AQUELE QUE APRESENTA OS PROBLEMAS MAIS FREQUENTES. ESCREVO O TEXTO NA LOUSA E VOU AJUDANDO A TURMA A DESCOBRIR AS IDÉIAS QUE ESTÃO INCOMPLETAS, O QUE PODE SER AMPLIADO. APRENDI QUE NÃO DÁ PARA ARRUMAR TUDO DE UMA SÓ VEZ.

ENSINAR O ALUNO A PRODUZIR UM TEXTO DE QUALIDADE NÃO É TAREFA FÁCIL, PRINCIPALMENTE QUANDO CHEGA O MOMENTO DE REVISÁ-LO.



E VOCÊ, TAMBÉM VIVE ESSE DILEMA? ESTÁ EM BUSCA DE NOVAS RESPOSTAS? ACEITA UM DESAFIO? ENTÃO LEIA O TEXTO "CRIANÇA SOFRE" E RESOLVA O TESTE DE MÚLTIPLA ESCOLHA.



PROGRAMA
Escrevendo o futuro Itaú
Uma iniciativa da Fundação Itaú Social

"Criança sofre"

O mundo não é tão competente como deveria ser, pois desde pequeno eu e alguns colegas meus dávamos um duro danado nas cerâmicas da minha cidade.

O barro molhado, junto ao sol quente da região, causava um grande mal-estar, mas assim mesmo tínhamos que sair cedinho e voltar ao meio dia, só depois íamos à escola.

Isso tudo é uma grande injustiça comigo e com todas as crianças que trabalham, pois o cansaço maltrata a mente e não conseguimos aprender com facilidade, bloqueando assim muitas coisas que poderiam fluir diante das conseqüências que aparecem.

Criança tem que brincar, estudar e esperar chegar à fase adulta para trabalhar. Hoje existe o Programa Bolsa Escola, Pêti e outros, que dão oportunidades de estudar sem trabalhar. Só que as famílias continuam vivendo miseravelmente e precisando da ajuda dos filhos para sobreviverem, pois mais importante do que esses programas do governo, seria um emprego digno com salário justo para os pais dessas crianças, inclusive o meu.



Se isso acontecesse, ninguém vinha à escola sem caderno, sem lápis e sem o restante do material. Seríamos crianças de barriga cheia e cabeça também, não cheia de sonhos e fantasias e sim vontade de estudar de verdade, de saber resolver todos os problemas que aparecessem, até mesmo os de Matemática. Quando tudo isso acontecer nunca mais direi que: "criança sofre".

Régio Adriano Alves Freire tem 16 anos e participou do Programa Escrevendo o Futuro em 2004. É aluno da 5ª série na Escola Francisco Nonato Freire em Alto Santo – Ceará



O TESTE DO TEXTO

É hora de verificar seus conhecimentos sobre gênero textual.

Assinale a resposta mais adequada. Boa sorte!

- 1 Num artigo de opinião, o autor...
 - a - toma posição sobre uma questão polêmica.
 - b - divulga um fato.
 - c - relata experiências do cotidiano.
 - d - enumera problemas da comunidade.

- 2 Ao escrever um artigo de opinião, o autor emite seu ponto de vista e...
 - a - publica-o em jornais e revista, mantendo neutralidade.
 - b - desenvolve a capacidade de narrar os fatos.
 - c - procura não influenciar o leitor com suas opiniões.
 - d - incorpora a seu discurso a fala de outras pessoas que já se pronunciaram a respeito do tema, valorizando-a ou desqualificando-a.

- 3 No texto “Criança sofre”, o objeto de crítica do autor é:
 - a - a dificuldade de aprendizagem em Matemática.
 - b - o clima árido da região.
 - c - a crise cultural.
 - d - o trabalho infantil e os projetos sociais do governo.

- 4 Identifique o trecho do texto “Criança sofre” que revela a questão polêmica, a denúncia do problema, o ponto de vista do autor.
 - a - (...) vontade de estudar de verdade, de saber resolver todos os problemas que aparecessem, até mesmo os de Matemática.
 - b - “O barro molhado, junto ao sol quente da região, causava um grande mal-estar”.
 - c - “O mundo não é tão competente como deveria ser, pois desde pequeno eu e alguns colegas meus dávamos um duro danado nas cerâmicas da minha cidade”.
 - d - “Só que as famílias continuam vivendo miseravelmente e precisando da ajuda dos filhos para sobreviverem, pois mais importante do que esses programas do governo seria um emprego digno com salário justo para os pais dessas crianças, inclusive o meu”.

- 5 Para convencer o leitor de seu ponto de vista, o autor deve trazer para o texto a opinião dos adversários. Em “Criança sofre” há discussão entre opiniões contrárias?
 - a - Sim, no trecho “Criança tem que brincar, estudar e esperar chegar à fase adulta para trabalhar.”
 - b - Há mas deve ser ampliada através de pesquisas, entrevistas, porque no texto foram apenas citadas “Hoje existe o Programa Bolsa Escola, Peti e outros, que dão oportunidades de estudar sem trabalhar”, sem trazer as opiniões dos que são a favor dos programas sociais do governo.
 - c - Há o testemunho, autoridade construída pela experiência vivida.
 - d - Sim, aparece quando o autor denuncia um sério problema e reforça essa posição com bons argumentos.

- 6 Que sugestão o professor deve fazer para ajudar o aluno a aprimorar o trecho abaixo?

“(...) pois o cansaço maltrata a mente e não conseguimos aprender com facilidade, bloqueando assim muitas coisas que poderiam fluir diante das conseqüências que aparecem”.

 - a - use expressões para introduzir a conclusão como: “então”, “assim”, “portanto”.
 - b - explique melhor para o leitor o que quis dizer no trecho sublinhado.
 - c - reforce a posição do autor com novos argumentos.
 - d - verifique se a pontuação está correta.

CONFIRA RESULTADOS NA PÁGINA 21

Um dedo de prosa

Uma boa conversa é sempre bem-vinda quando se tem pela frente a batalha de aprimorar um texto.

É importante retomar com o aluno as orientações oferecidas no fascículo Pontos de Vista, com a finalidade de levá-lo a perceber aspectos do texto que podem ser melhorados.

✓ A questão polêmica está clara no texto?

✓ Há uma discussão, com argumentos consistentes, em torno dessa questão?

✓ O texto traz argumentos favoráveis e contrários à questão abordada?

✓ A produção indica dados de pesquisa, informações para sustentar a posição do autor?

✓ Traz pontos de vista de especialistas no assunto polêmico, que fortalecem a argumentação?

✓ Ao ler o texto, identifica-se a boa articulação dos argumentos, convencendo o leitor de seu ponto de vista?

✓ A autoria do texto está preservada?

E você, tem um trabalho interessante de aprimoramento de texto dos alunos? Gostaria de compartilhar a sua experiência? Escreva-nos contando.

ENTREVISTA

Na sede do Cenpec, a coordenadora pedagógica do Programa Escrevendo o Futuro, Sonia Madi, falou dos caminhos abertos pelo projeto e de como propõe ao professor uma nova forma de trabalho para a construção de textos. Afinal, chama atenção:



“Escrita não é um dom”

Escrevendo o Futuro é um concurso de textos?

Não, ele vai muito além de um concurso de textos. É um programa de formação. Nossa intenção é propor aos professores mudanças nas práticas de ensino de Língua Portuguesa. Para isso, as escolas de todos os estados brasileiros se inscrevem e os professores recebem o *Kit Itaú de Criação de Textos* (três fascículos: Pontos de vista, Poetas da escola e Se bem me lembro...). Esse material propõe oficinas que orientam os alunos na produção escrita. Após esse trabalho, na escola uma comissão julgadora escolhe o melhor texto, que é enviado à Undime (União dos Dirigentes Municipais de Ensino), responsável por selecionar os melhores do Estado. Esses textos são encaminhados ao Cenpec, que realiza as oficinas regionais, nas quais são selecionados os finalistas.

De que forma o programa contribui para que os alunos escrevam melhor?

Na perspectiva que adotamos, a questão central é oferecer uma boa situação de produção, ou seja, escrever com uma intenção, para alguém ler, escolhendo o gênero de texto mais adequado para este objetivo. Escolhido o gênero, ele precisa ser ensinado. Isso implica também reconhecer as marcas e poder utilizá-las ao escrever. Assim, são elaboradas seqüências didáticas para ensinar a ler e escrever gêneros de textos que circulam na sociedade, por exemplo, notícias e artigos de jornais, reportagens e propagandas de revistas, porque isso é que vai dar à criança a condição de ser cidadã.

Essa é uma novidade no ensino da língua escrita?

Essas idéias estão presentes nos currículos desde a década de 80 e um dos precursores foi o professor Wanderley Geraldi, da Unicamp, propondo essa concepção de ensino de Língua Portuguesa na programação da Prefeitura de São Paulo. Posteriormente, chegaram as idéias de pesquisadores da Escola de Genebra. Mais de 20 anos se passaram e ainda encontramos educadores que partem do princípio de que se a criança estiver alfabetizada e conhecer algumas regras gramaticais, terá condições de ler e produzir qualquer texto. Mas a escrita não é um dom, é algo que se ensina e se aprende. Assim, é preciso dominar ferramentas

para construir e estruturar o texto. E as orientações para as oficinas de escrita se propõem a isso.

Na prática, como se propõe a produção de texto nas oficinas?

As atividades são direcionadas para que o texto cumpra a função para a qual foi escrito. Por exemplo, no caso da escrita de um artigo de opinião: não basta o aluno listar os problemas de sua cidade, reclamar da região, ele precisa expor o seu ponto de vista, usar argumentos convincentes, recolher outras opiniões. Para isso é preciso incentivar o debate, que ainda não é uma atividade freqüente em sala de aula. Insistimos muito nas oficinas para que se levem questões para discutir com as crianças na tentativa de ajudá-las a identificar as polêmicas que afetam sua comunidade. Outro aspecto fundamental é a destinação do texto. Já que eu escrevo para alguém ler, então o texto não pode ter como destino a gaveta, a pasta do professor. A produção precisa ser publicada no jornal da escola, no mural, no jornal da cidade.

“Nossa intenção é propor aos professores mudanças nas práticas de ensino de Língua Portuguesa.”

É necessário muito trabalho para se escrever um texto?

Há um longo caminho para se escrever um bom texto. Em uma das atividades iniciais, os alunos fazem uma primeira produção para o professor descobrir o que o aluno já sabe e planejar quais aspectos da escrita deve trabalhar mais. É interessante notar o quanto a criança evoluiu do texto preliminar, da primeira exposição de idéias até o texto final. Idéias inicialmente soltas, desarticuladas vão ganhando clareza, consistência. Quando nos mandam os textos dos semifinalistas, a versão inicial é anexada, portanto podemos comparar e perceber o avanço da escrita dos alunos. Isso se deve ao processo de ensino, à intervenção constante do professor durante a realização das oficinas.



E como fica o ensino de gramática nessa proposta?

A gramática que se ensina está **articulada** ao gênero que se escreve. Portanto, tenho que saber quais são os conceitos gramaticais que eu preciso para escrever um texto de opinião, por exemplo. Tudo tem que se ensinar: como é que se toma posição em um texto? Que expressões usar para mostrar opiniões contrárias? E para desqualificá-las? Se o aluno aprende conceitos gramaticais descolados do contexto, ele até reconhece que a oração é coordenada adversativa mas não sabe quando utilizá-la, que palavras são mais adequadas para **dar coesão** e garantir o sentido do texto.




“A escrita é algo que se ensina e se aprende.”



Quando se fala no processo de produção de texto, surgem logo as preocupações com a reescrita. Como é a orientação desse trabalho no material?

Em geral, os professores orientam a reescrita dizendo “o texto precisa ser reescrito porque está confuso”, ou então “o texto não tem começo, meio e fim”.

Para orientar o trabalho, o professor precisa recuperar o objetivo da escrita. Uma boa conversa com o aluno é fundamental: por que o texto está confuso? Há idéias incompletas, como organizá-las? Os pronomes (ele, ela) se referem a quem? Com base nas respostas, o aluno vai reescrevendo o texto junto com o professor e isso contribui para que ele perceba que nem tudo que pensou está presente no texto.

Tudo isso exige esforço e cai por terra a impressão de que os textos “nasceram apenas da inspiração”. Afinal, por trás de um bom texto existe muito trabalho: é preciso “suar a camisa”! 




Nem sempre foi assim...

“Estudei até o 4º ano em diferentes cidades, pois meu pai era maquinista de trem e vivia mudando de cidade. Naquela época ele achava que mulher não devia estudar, pois podia aprender a escrever cartas para o namorado.

Não me lembro de ter aprendido a fazer carta na escola. Para escrevermos, minha professora usava sempre um grande cartaz que ficava pendurado num canto da sala e quando queria que nós escrevêssemos, escolhia uma das figuras com fazendas, animais, crianças e escrevia na lousa: Composição à vista de uma gravura.


A professora pedia que os alunos descrevessem tudo o que viam e depois, outro dia, inventassem uma história como se estivessem naquele lugar, como se vivessem naquela cena.”

Josina Amaral Rizotti, 87 anos – SP



Aprendendo com “a babá lava o bebê”

Caminho Suave foi a cartilha de alfabetização mais usada no Brasil por pelo menos três décadas. O método em que cada letra ou sílaba é associada a um desenho, com frases nem sempre conectadas à realidade, está ultrapassado. Mas fez história. Mesmo fora do catálogo do Ministério da Educação desde 1995, até recentemente chegou a vender 10 mil exemplares por ano. A diferença é que a maioria dos atuais compradores são adultos, apegados ao livro em que se alfabetizaram aprendendo que o “A babá lava o bebê”.



O que se ensina e o que se aprende

Professora do Rio de Janeiro pôs a mão na massa e conta, passo a passo, como ensinou seus alunos a escrever um artigo de opinião.

Ao conhecer o *Programa Escrevendo o Futuro*, fiquei imediatamente motivada a levá-lo para a escola onde atuo como professora de sala de leitura. O tema “O lugar onde vivo” possibilitou aos alunos a reflexão e questionamento de sua realidade, enquanto moradores de uma comunidade carente e violenta. Era a oportunidade de conhecer bem mais que o lugar: redescobrimos pessoas, interesses, desejos... Foi uma forma de crescermos juntos – professor e alunos – discutindo questões pertinentes à vida na favela: o bom, o ruim, o estigma, o preconceito.



Iniciei o projeto com atividades de sensibilização a partir de imagens, músicas, poemas, frases, palavras. Os alunos fizeram as primeiras leituras do lugar. Era necessário que eles se identificassem com o local, se percebessem como membros da comunidade.



Propus a primeira produção escrita. Nela os alunos enumeravam, descreviam os problemas, sinalizavam vários aspectos negativos da favela, mas sem a preocupação de delinear as questões polêmicas. Por isso, planejei a discussão dos temas mais relevantes: violência, tráfico, discriminação, desemprego, fome. As situações eram debatidas, as opiniões fundamentadas e fortalecidas. Porquês, os prós apareciam nos debates e, aos poucos, eram incorporados aos textos produzidos pelos alunos durante as oficinas.

Para alicerçar a argumentação, li textos de diferentes gêneros e autores. Não foi difícil apresentar Chico Buarque às crianças. Conheciam de perto a mutuca, o papel, a contramão, o sinal fechado... (palavras presentes na letra da música *Pivete*). A leitura das imagens do livro *Cenas de rua*, de Ângela Lago, reforçou a idéia de que “nem todo menor de rua é um pivete”. À medida que avançavam as discussões, a defesa da comunidade ficava mais evidente nas produções dos alunos.



Buscamos mais informações entrevistando Dona Jaci, presidente da associação de moradores do Jardim Carioca – Complexo do Dendê. Com isso, os alunos descobriram que existem pessoas lutando para fazer da favela um lugar melhor para viver.



Vencida boa parte das oficinas, chegou a hora da produção do texto final. O tema escolhido – “No morro não mora só bandido” – evidenciou o preconceito que tanto angustia os moradores de comunidades carentes.

Produzido o texto, iniciamos o processo de revisão e aprimoramento. Retomei as orientações do fascículo Pontos de Vista, revisitando inclusive algumas oficinas. Acompanhei o grupo bem de perto. Conversei com cada aluno: juntos relemos os textos, refizemos algumas argumentações. Tirei dúvidas, fiz intervenções e correções.



Planejar o trabalho

- ✓ Ler atentamente as orientações do fascículo Pontos de Vista - Texto de opinião

Trazar o artigo de opinião para a sala de aula

- ✓ Identificar as questões polêmicas que incomodam a comunidade
- ✓ Propor a primeira produção de texto para diagnóstico
- ✓ Criar uma situação de produção imaginária, na qual o aluno ocupe o lugar do articulista

Conhecer mais o artigo de opinião

- ✓ Analisar artigos de opinião
- ✓ Levar os alunos a reconhecer os elementos do gênero artigo de opinião
- ✓ Incentivar os alunos a ler artigos de opinião

Pesquisar a questão polêmica

- ✓ Fazer uma pesquisa de opinião junto aos moradores da comunidade sobre a questão polêmica escolhida
- ✓ Incluir na produção escrita as opiniões colhidas na pesquisa
- ✓ Buscar informações para sustentar a opinião

Preparar a produção final

- ✓ Ensaiar a produção de um artigo de opinião
- ✓ Aprimorar o texto
- ✓ Orientar a produção da escrita final



Etapa final. Os membros da escola escolheram o melhor texto da turma.

Por certo, o trabalho não terminava ali, estava apenas começando. Outros professores da escola também pretendem trabalhar com as oficinas do Kit Itaú Criação de Texto – Pontos de Vista. De tudo, fica a crença de que escrever com qualidade é uma habilidade que se ensina e se aprende. ✍️

Professora Myrian Rodrigues da Silva Munhoz participou do Programa Escrevendo o Futuro em 2004. Leciona na Escola Alice Tibiriçá (04.20.013), na cidade do Rio de Janeiro.

TODOS APRENDERAM MUITO. O ESFORÇO VALEU A PENA. E A ALUNA GISELLE SANTOS DE PAULA FOI A VENCEDORA DO PRÊMIO ESCRREVENDO FUTURO - 2004.



Texto vencedor do Prêmio Escrevendo o Futuro em 2004



PROGRAMA
Escrevendo
o futuro

No morro não tem só bandido

Subindo a ladeira, ouvi uma frase de um grupo de jovens que desconhece o meu lugar, dizendo que "no morro só mora bandido". Isso não é verdade. Acredito. Isso é preconceito.

No lugar onde vivo, quase todo o dia, tem tiros que podem ser confundidos com barulhos de fogos. O céu, à noite, fica iluminado pelas balas e traçantes que cruzam o morro. Parece uma festa junina, mas não é. Se fosse festa se chamaria "Festa da Desesperança"; são bandidos e policiais trocando tiros, esquecendo da comunidade assustada, que não tem nada a ver com essa guerra que tira vidas de pessoas inocentes.

Moro na Messina, no Jardim Carioca. Na verdade não parece um jardim. O lugar é triste, doloroso e medonho; é como um beco sem saída e sem esperança. A comunidade só mora aqui porque não tem dinheiro para morar num lugar melhor.

Ser pobre não significa ser bandido não. As pessoas não têm culpa de serem pobres. A maioria tem bom caráter, sensibilidade; elas só querem ser alguém na vida e ter paz.

Sinto que todas as pessoas vivem tristes por causa da violência que mata e destrói famílias, que não tem nada a ver com o tráfico de drogas. Eu percebo o medo nos rostos das pessoas quando há tiros, quando acordam ou vão dormir e torço para que só escutem o barulho de pássaros cantando, pois quero ver a felicidade, harmonia e o amor no meu lugar.

Favela não só tem bandido, não. Nem todo mundo conhece o lugar onde vivo. No morro tem pessoas trabalhadoras saindo cedo de casa para trabalhar; para buscar o pão de cada dia e dar o que comer aos filhos, que ficam com a esperança no coração, esperando o pai voltar com vida e alimentos. Têm crianças que querem brincar, estudar, querem um futuro melhor, pois algumas trabalham cedo demais porque têm pais desempregados. Elas trabalham catando papelão, varrendo ruas, vendendo rosas nos bares, nos restaurantes e sinais, pois não querem ser marginais.

Na minha opinião, tem gente passando muita necessidade e a fome é tanta, que elas vão roubar e, sem pensar no que estão fazendo se envolvem na bandidagem e no tráfico de drogas. Com isso, o lugar onde moro vai aparecendo na televisão e nos jornais.

A televisão não mostra o lado bom do morro: as brincadeiras das crianças, a amizade da comunidade, as pessoas que são boas e querem fazer a favela ficar bonita e um lugar bom de se viver.

Entendo que o aumento da violência acontece por causa do desemprego e da fome. Portanto, os governos e as prefeituras devem se preocupar mais com os pobres. Nós não somos bichos nem bandidos. Somos trabalhadores e cidadãos que precisam de emprego, um bom lugar para se viver com dignidade, mais escolas, hospitais.

Quando isso acontecer, aí sim, eu vou morar num verdadeiro Jardim Carioca e vou deixar de ouvir a frase que tanto me deixa chateada...

Giselle Santos de Paula, 11 anos, aluna da 4ª série da Escola Alice Tibiriçá, cidade do Rio de Janeiro



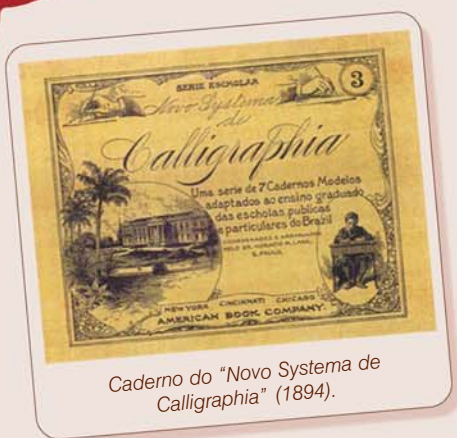
COISAS DE ALMANAQUE

Barão dos didáticos

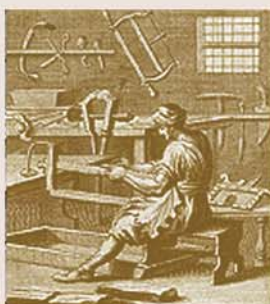
O pai do livro didático brasileiro foi o médico baiano Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas (1825/1891), professor de Castro Alves e Ruy Barbosa. Escreveu coleções de livros didáticos e distribuiu mais de 400 mil cartilhas pelo país. Para ele, “o bom compêndio” era tudo, e os “discípulos” podiam se exercitar sozinhos. Na contramão do seu tempo, defendia o fim dos castigos físicos aos alunos.

Leituras de professores

A primeira publicação oficial para professores, “A Escola Pública” (1890/1897), trazia informações a respeito das novas concepções pedagógicas introduzidas na Escola Normal.



Caderno do “Novo Systema de Calligraphia” (1894).



1761: em Stein, nas cercanias de Nuremberg, na Alemanha, o marceneiro Kaspar Faber fabrica seu primeiro “lápiz de chumbo”.

Tudo importado menos o escritor

No fim do século XIX, a expansão da escola republicana (sobretudo do primário) propiciou o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro e a profissionalização do escritor didático. Mas a maioria dos objetos escolares (lápiz, penas metálicas, tintas, cadernos, contador numérico, jogos pedagógicos) era importada da Europa e EUA.

LÁPIS

Vem do latim *lapis*, pedra. Há notícias de seu uso desde o século 16, na Itália. Os lápis nessa época eram feitos de um mineral chamado plumbagina, proveniente da Inglaterra. Quando a França entrou em conflito com os ingleses, a matéria-prima tornou-se rara. Comprovando que a necessidade é o grande combustível das invenções, o químico Nicolas-Jacques Conté conseguiu fabricar lápis usando uma mistura de grafite, pólvora e terra argilosa.

Objeto mais utilizado do mundo

O lápis é o objeto mais utilizado em qualquer canto do globo. O Brasil é o maior produtor: mais de um bilhão de unidades são fabricadas anualmente. Os maiores consumidores são os norte-americanos: 2 bilhões e meio de lápis por ano.

Suppa



Humor

De Joelhos

Época de exames na escola. A mãe de Juquinha encontra o filho ajoelhado ao lado da cama de mãozinha posta e tudo:

– O que você está fazendo, filho?

E o menino responde:

– Rezando pro rio Amazonas ir para a Bahia.

– Mas, por que, filho?

– Porque foi isso que eu escrevi na prova.

“O português é uma língua muito difícil. Tanto que calça é uma coisa que se bota, e bota é uma coisa que se calça.”

Barão de Itararé



O QUE VEM POR AÍ

União virtual também faz a força



O *Escrevendo o Futuro* ganha comunidade na internet para o encontro dos professores que fazem parte do programa. Em tempo real educadores poderão conversar, trocar experiências e planejar ações sobre o ensino de Língua Portuguesa. Em maio começam os testes da comunidade, que estará aberta aos participantes do *Escrevendo o Futuro* a partir de agosto.

Direto na fonte



O Programa Melhoria da Educação no Município, desenvolvido pela Fundação Itaú Social desde 1999, tem como objetivo contribuir com o planejamento e gestão de políticas públicas municipais para crianças e adolescentes. Propõe aos gestores um processo de formação adequado à realidade local. Em maio foi lançado no Fórum Nacional da Undime, em Brasília, a publicação *Os municípios em busca da melhoria na educação*, com estudos feitos em Alagoa Grande e Poçinhos (PB); Itaberai (GO); Poço Redondo (SE); Acari (RN); Sobradinho e Uauá (BA).

Prêmio Itaú-Unicef



Uma iniciativa da Fundação Itaú Social e do Unicef, sob coordenação do Cenpec, destina-se a ONGs com ações sócio-educativas. Em 2005 o tema é *Educação e participação: tecendo redes*. O Prêmio destacará projetos que articulem atores sociais com os direitos das crianças, adolescentes e famílias. Sites do Cenpec, do Unicef e da Fundação Itaú Social trazem o regulamento e informações sobre a inscrição.

Terra Paulista – Jovens chega a mil escolas públicas do Estado



Baseado na coleção *Terra Paulista: Histórias, arte, costumes*, idealizada por Maria Alice Setúbal e desenvolvido por uma equipe de profissionais, foi lançado pelo Cenpec, em abril/05, o material paradidático *Terra Paulista – Jovens*. Desenvolvido pelas professoras Marta Grosbaum e Lídia Carvalho, consta de uma série de dez livros, um almanaque, três jogos de tabuleiro e uma série de vídeo-documentários.

20

Correspondência à vista

Professores de Pernambuco e Minas Gerais que participaram do *Prêmio Escrevendo o Futuro* em 2004 receberão cartas com a análise dos textos de seus alunos inscritos no prêmio. Este trabalho será coordenado pelas professoras-doutoras Elizabeth Marcuschi – coordenadora do Núcleo de Avaliação e Pesquisa Educacional da Universidade Federal de Pernambuco – e Maria da Graça da Costa Val – vice-diretora do CEALE da Universidade Federal de Minas Gerais.

Voluntários da Fundação Itaú Social superam metas

Desde outubro de 2004, profissionais de agências do Banco Itaú têm se correspondido com crianças semifinalistas do Prêmio *Escrevendo o Futuro* em diferentes regiões do país. Troca de idéias, fotos, dicas e informações cercadas de afetividade são o que mais aparecem nas cartas. Para a maioria dos estudantes, é oportunidade rara de ampliar horizontes. Se o compromisso era apenas estimular a escrita e a leitura dos semifinalistas, os voluntários superaram a meta.

De Alice para Saymon, de Saymon para Alice*

Oi, Alice
A carta demorou a chegar e eu estava estudando para as provas finais só agora consegui responder, desculpe-me. Sabe, estou com uma crise danada de bronquite. Está dando o que fazer para melhorar, não sei se você sabe, mas bronquite tosse até! Ai como é ruim.
Um abraço de Saymon – Bandeira do Sul – MG
25/11/04

Oi, Saymon!
Estudo logosofia às terças-feiras e sábados e também faço academia. Sabe, você disse ter bronquite e a minha irmã Teresa também tem. Vejo o sofrimento dela nas crises e posso imaginar o seu. Espero que esteja melhor e que o remédio dê o resultado esperado.
Alice Saka – São Paulo – SP
05/12/04

Tudo bem Alice?
Fiquei curioso sobre o curso que você estuda Logosofia o que é isso?
Linda não saí totalmente da bronquite. Às vezes fico bem, às vezes piora; minha mãe vai levar no médico da homeopatia como tentativa, vamos ver o que dá. Alice, se puder, gostaria de ter uma foto sua para colocar junto com minha família.
Um abraço de Saymon
14/12/04

Oi, Saymon!
Estou te enviando algumas fotos minhas, espero que goste.
Esta é a definição de Logosofia no dicionário: ciência moderna que se propõe a estudar o homem pelo próprio homem, isto é, induzi-lo a examinar e conhecer o seu íntimo, seus sentimentos, seus desejos e suas necessidades. Gostaria de saber como você está, se a sua bronquite resolveu te dar uma trégua e foi embora de vez!
Conte-me como foram as suas férias.
Um beijinho
17/12/04

*Alice Saka é funcionária do Banco Itaú, em São Paulo, e voluntária da Fundação Itaú Social; Saymon Melo Borges é estudante da 4ª série em Bandeira do Sul – MG.